

A ELEGIA LATINA E A TEMÁTICA DA MORTE

Profa. Dra. Márcia Regina de Faria da Silva (UERJ)

RESUMO: Catulo (século I a.C.), o primeiro grande autor lírico romano, traz a elegia grega com temática variada, inclusive amorosa. Assim a poesia elegíaca latina desenvolve-se e ganha contorno de um gênero autônomo em Roma, com temática própria, a elegia erótica romana. O tema do amor passa a ser fundamental, nos autores do século de Augusto (século I a.C.), Tibulo, Propércio e Ovídio, que escrevem livros inteiros para uma amada. Contudo, unida à temática do amor encontramos também o tema morte, constante em Propércio e encontrado também em Ovídio na esfera mítica. Através de fragmentos de poemas dos autores elegíacos, veremos como os temas amor e morte encontram-se unidos na elegia latina.

Palavras-chave: morte; amor; trágico; elegia latina.

A lírica grega influencia toda a produção lírica latina. Na Grécia, o lirismo divide em dois períodos: a lírica arcaica (século VII a.C.) e a lírica alexandrina (século IV e III a.C.). Nos dois períodos encontramos a elegia. Originária de *élegos* traz a idéia de canto lutuoso. Porém, os gregos utilizaram o metro elegíaco para cantar uma grande variedade de temas, desde político e social ao amoroso, ligado à esfera mítica.

Em Roma, o primeiro a se destacar no estilo elegíaco foi Catulo, em meados do século I a.C., que escreveu poemas dedicados a Lésbia, nome que ele deu à mulher amada, inaugurando esse tipo de poesia dedicada a uma mulher específica, que influenciará grandemente a geração de elegíacos posterior.

Catulo foi o primeiro grande poeta de amor latino. Utiliza os mais variados metros e sua linguagem varia dependendo do tema, desde a vulgar e grosseira até a elevada. Preocupa-se sempre com a forma do poema e, mesmo nas poesias imitadas dos alexandrinos, coloca uma nova força e uma alma latina, tornando-as originais.

Segundo Pierre Grimal (GRIMAL, 1978: 117-118), foi a chegada de Partênio de Nice a Roma que precipitou o desenvolvimento da elegia, pois transmitiu aos romanos, inclusive a Catulo, seus conhecimentos sobre Calímaco, além de escrever para Cornélio Galo, o primeiro elegíaco da época de Augusto, cuja obra se perdeu, um livro em prosa intitulado “*As paixões de amor*”, com muitas histórias de amor, pouco conhecidas,

tiradas de autores gregos. Talvez isso explique o fato de muitas das referências mitológicas feitas pelos poetas elegíacos romanos serem quase desconhecidas.

Desde os gregos, como vimos, a elegia possui uma certa relação com o luto e, portanto, a temática da morte não deixará de aparecer com menor ou maior intensidade nos poetas latinos. Catulo não escreve somente elegias com conteúdo amoroso. No poema 101, vemos a morte de seu irmão como cerne de seu canto.

Multas per gentes et multa per aequora uectus
Aduenio has miseram, frater, ad inferias,
Vt te postremo donarem munere mortis
Et mutam nequiquam alloquerer cinerem,
Quamdoquidem fortuna mihi tete abstulit ipsum,
Heu miser indigne frater adempte mihi.
Nunc tamen interea haec prisco quae more parentum
Tradita sunt tristi munere ad inferias,
Accipe fraterno multum manantia fletu,
Atque in perpetuum, frater, que atque uale.

Chego, irmão, transportado através de muitos povos
E muitos mares para este sacrifício infeliz,
Para te dar o dever último da morte
E consolar para coisa alguma a cinza muda,
Visto que a sorte te arrancou de mim,
Ai, infeliz irmão, levado injustamente de mim pela morte.
Agora, entretanto, estas coisas foram transmitidas do velho
Costume dos antepassados para o sacrifício pelo triste dever,
Recebe, com o choro fraterno, muitas lágrimas que correm,
E para sempre, irmão, adeus e adeus.

No período augustano, especialmente, com Tibulo, Propércio e Ovídio, a elegia ganha caráter de um gênero elevado que quer a imortalidade. Esses poetas escrevem livros inteiros de elegias, normalmente dedicados a uma mulher, como Délia, em Tibulo e Cíntia, em Propércio, sendo que esses pseudônimos não deixam transparecer a identidade de suas amadas.

As elegias amorosas de Tibulo são marcadas pela ausência da amada e pelo tom melancólico. Nega o heroísmo e apresenta o campo como lugar em que o amor pode ser realizado plenamente.

O amor por Cíntia foi o principal acontecimento da vida de Propércio e o fundamento da maior parte de seus poemas.

Propércio utiliza muito as fábulas mitológicas, bem ao gosto alexandrino, para enaltecer a grandeza de seu amor. É, na verdade, um poeta apaixonado. Segundo George Luck (LUCK in KENEY Y KLAUSEN, s.d. : 458), Propércio se sente como um amante romântico que interpreta um papel e para tanto precisa de um ar de mistério, pois o leitor deve ver no poeta um herói que deseja lutar contra a inveja dos deuses, sendo maior do que o seu próprio destino. Propércio vê o amor como algo transcendental que serve para revalorizar outros valores como a nobreza, o poder, a riqueza.

Alguns poemas de Propércio unem à temática do amor à morte. O poeta constantemente associa a ausência de sua amada à morte, para ele é preferível morrer a suportar a dor da falta.

No poema 15 do livro II, vemos o contraste do início que retrata a alegria dos amantes:

O me felicem! O nox mihi candida! Et o tu
Lectule deliciis facte beate meis! (1-2)

Ó Feliz de mim! Ó noite luminosa para mim! E ó, tu,
Abençoado leito feito para meus prazeres!

Com a preocupação com a morte que dará um fim à alegria e ao amor:

Sic nobis, qui nunc magnum speramus amantes,
Forsitan includet crastina fata dies.(53-54)

Assim nós, que agora como amantes esperamos grandes coisa,
Talvez o dia traga os destinos futuros.

O poeta crê que o dia de amanhã poderá trazer a morte. A alegria não durará para sempre.

O poema 17 do livro II compara os castigos eternos de Tântalo e Sísifo aos males da separação amorosa e mostra que a morte é preferível à dor da ausência da amada:

Mentiri noctem, promissis ducere amantem,
hoc erit infectas sanguine habere manus!
Horum ego sum uates, quotiens desertus amaras.
expleui noctes, fractus utrosque toro.
Vel tu Tantalea moueare ad flumina sorte
ut liquor arenti fallat ab ore sitim;
uel tu Sisyphios licet admirere labores
difficile ut Toto monte uolutet unus;
durius in terries nihil est quod uiuat amante
nec, modo si sapias, quod minus esse uelis.
Quem modo felicem inuidia admirante ferebant,
nunc decimo admittor uix ego quoque die.
Nunc iacere e duro corpus iuuat, impia, saxo
Sumere et in nostras trita uenena manus;
nec licet in triuiis sicca requiescere luna
aut per rimosas mittere uerba fores.
Quod quamuis ita sit, dominam mutare cauebo
tum flebit, cum in me senserit esse fidem.

Mentir durante a noite, conduzir o amante com promessas
Isto será ter as mãos manchadas de sangue!
Eu sou um profeta dessas coisas, tantas noites amargas
Passei sozinho, e despedaçado em um e outro lado do leito.
Ou tu te comoverias com a sorte de Tântalo junto aos rios,
Já que o líquido engana a sede da boca ressecada;
Ou ainda que te admirasses com os trabalhos de Sísifo,
Já que com dificuldade rola um grande peso pelo monte;
Nada é mais duro nas terras do que quem vive como amante
Nem, se apenas saibas, o que desejes menos ser.
Recentemente anunciavam com admirável inveja que era feliz,
Agora eu também sou acolhido a custo no décimo dia.
Agora, impiedosa, agrada-te que eu lance meu corpo de um duro rochedo
E tome veneno triturado por minhas mãos;
Nem é lícito descansar nas esquinas sob a lua opaca
Ou enviar-te palavras pelas frestas das portas.
Entretanto, embora seja assim, cuidarei de não mudar de amada
Então ela chorará, quando tiver percebido que eu sou fiel.

Propércio apresenta o mito como exemplo de que seu amor e sua dor são tão grandes e tão importantes quanto de deuses e heróis.

Ovídio ampliou os temas elegíacos romanos. Iniciou com as elegias amorosas para uma determinada mulher, em *Amores*; depois abordou o amor de personagens míticas, nas *Heroides*; transferiu o eixo do amor para a conquista amorosa, em *Ars Amandi*; e, finalmente, inaugurou uma elegia intimista sem ligação com a temática amorosa, em *Tristia e Pontica*.

Como observamos, Catulo, Tibulo e Propércio inspiraram-se em sua vida pessoal, em seus próprios amores. Ovídio não. Usou amores inventados. E segundo Grimal (GRIMAL, 1991: 155):

No entanto exatamente por isso Ovídio é testemunha de sua época. Seus predecessores haviam sido em larga medida testemunhas de si mesmos. Ovídio, ao contrário, representa fielmente a opinião de seus contemporâneos sobre o amor, a idéia que faziam de seu papel na vida das criaturas, da parte que convinha lhe atribuir, dos objetivos que ele perseguia.

Em Roma, como vimos, a elegia surge como gênero poético dedicado ao amor, passando de uma poesia que exaltava a paixão vivida pelo poeta a uma poesia que teoriza os sofrimentos amorosos “universais”. Na verdade, ainda citando Grimal (GRIMAL, 1991: 156), “coube a Ovídio fazer uma espécie de balanço de um meio século de amores do qual Roma saía transformada, após uma crise moral que destruía velhas concepções de sete séculos.”

Para Ovídio amar é o mesmo que desejar, mantendo a própria etimologia latina em que o verbo *amare* remete a ser amante. Com isso, Ovídio canta os amores ilícitos e não as uniões legítimas. Mesmo nas *Heroides*, quando remete cartas de mulheres a esposos ausentes, observamos que o modo de amar e a intensidade com que o amor consome as protagonistas míticas as tornam semelhantes às cortesãs. É ainda Grimal quem nos diz que “Penélope, Ariadne, Laodâmia pensam e sentem como cortesãs – mas porque o amor das cortesãs é o que melhor permite chegar à plenitude e à verdade da paixão.” (GRIMAL, 1991: 163)

Esse drama amoroso aparece na esfera mítica ligado intimamente à temática da morte, já que a maioria dos mitos utilizados por Ovídio na composição das *Heroides* são mitos trágicos. Assim a elegia une-se ao trágico e o amor une-se à morte. Vemos a dor da separação que consome o amante abandonado e que o leva ao seu destino trágico.

Somente no século XVIII os Idealistas alemães definirão com precisão esse trágico que se amplia para além da tragédia e que tão bem define a elegia ovidiana das *Heróides*. Goethe perfeitamente define o que as personagens míticas de Ovídio sentiam diante da consumação da separação como algo irreparável e da certeza da morte: “A despedida é unidade, cujo único tema é a divisão; é proximidade que só tem diante dos olhos a distância (...); é ligação consumada pela própria separação, morte, como partida.” (SZONDI, 2004: 51).

A separação aumenta no peito do amante ainda mais o amor até que esse sentimento torna-se insuportável, levando ao único caminho possível: a morte. Vemos isso no amor de Dido por Enéias ou no de Dejanira por Hércules. Em que a morte é preferível à dor da separação. Em alguns casos, como Dido, as personagens morrem, em outros, como Dejanira, elas provocam a morte do amado.

Adspicias utinam quae sit scribentis imago;
Scribimus, et gremio Troicus ensis adest,
Perque genas lacrimae strictum labuntur in ensem,
Qui iam pro lacrimis sanguine tinctus erit.
Quam bene conuerunt fato tua munera nostro! (VII, 183-187)

Oxalá que vejas a imagem daquela que está escrevendo;
Escreveremos, e a espada troiana está presente em (meu) seio,
E as lágrimas deslizam pelos olhos para o seio apertado,
Que já terá sido manchado pelo sangue em troca das lágrimas.
Quão bem os teus favores reúnem-se ao nosso destino!

Ei mihi! quid feci? quo me furor egit amantem?
Impia quid dubitas Deianira mori?
[An tuus in media coniunx lacerabitur Oeta,
Tu sceleris tanti causa superstes eris?
Ecquid adhuc habeo facti cur Herculis uxor
Credar? coniugii mors mea pignus erit! (XIX, 145-150)

Ai de mim! o que fiz? Onde o furor levou a mim que amo?
Por que hesitas em morrer, ímpia Dejanira?
[Acaso teu marido será torturado no meio do Eta,
Tu incólume será a causa de tamanho crime?
Há alguma coisa ainda que eu tenho a ser feito para ser considerada

Esposa de Hércules? Minha morte será o penhor do cônjuge!

Ovídio, através das *Heroides*, consoante Armando Salvatore (SALVATORE, 1959: 238), traz para a elegia uma nova característica, que distingue esse autor em relação aos demais elegíacos, a capacidade de aprofundar e mostrar os sentimentos das mulheres. Catulo, Tibulo e Propércio e, nos *Amores*, o próprio Ovídio, fazem em alguns poemas análise dos sentimentos da mulher, mas nas *Heroides* há um aprofundamento dos sentimentos, especialmente, das dores e aflições sentidas com as separações ou abandonos amorosos e a capacidade do abandono da vida em prol do amor. Isso faz com que as heroínas míticas assemelhem-se a mulheres comuns capazes de matar ou morrer por amor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CATULO. Poesias. Texto estabelecido e traduzido por Agostinho da Silva. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1933.

GRIMAL, Pierre. *A civilização romana*. Lisboa: Edições 70, /s.d./.

_____. *Dicionário de mitologia grega e romana*. Trad. Vitor Jabouille. 2^a ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1997.

_____. *O amor em Roma*. Trad. Hildegard Fernanda Feist. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. *Le lyrisme à Rome*. Paris: PUF, 1978.

_____. *Le siècle d'Auguste*. Paris: Presses Universitaires de France, 1955.

_____. *O teatro antigo*. Trad. António M. Gomes da Silva. Lisboa: Edições 70.

GUILLEMIN, A. L'élément humain dans l'élegie latine. In: *Revue des études Latines*. Paris: Les Belles Lettres, 1940.

_____. Sur les origines de l'élegie latine. In: *Revue des études Latines*. Paris: Les Belles Lettres, 1939.

KENEY, E. J. y CLAUSEN, W. V. *História de la literatura clásica* (Cambridge University). v. II. Literatura Latina. Trad. Elena Bombín. Madrid: Editorial Gredos S.A. /s.d./

OVIDE. *Héroïdes*. Texte établi par Henri Bornecque et Traduit par Marcel Prévost. Paris: Les Belles Lettres, 1928.

PROPERCE. *Élégies*. Texte établi et traduit par D. Paganelli. Deuxième édition. Paris: Les Belles Lettres, 1961.

SZONDI, Peter. *Ensaio sobre o trágico*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.